

# Nas trilhas da memória: *Mayombe* e *Noites de vigília* entre a literatura e a história angolanas

## On the tracks of memory: *Mayombe* and *Noites de vigília* between Angolan literature and history

Adelino Pereira dos Santos<sup>1</sup>  
Derneval Andrade Ferreira<sup>2</sup>

---

### RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar reflexões sobre o lugar da memória na construção da história da luta do povo angolano contra o colonialismo europeu, registrada simbolicamente nas narrativas dos romances *Mayombe*, de Pepetela, e *Noites de Vigília*, de Boaventura Cardoso, considerando-se como pressupostos teóricos estudos da História Cultural e da Crítica Literária. Quando se toma o texto ficcional como base de estudos referente à memória, é preciso compreender as diversas vertentes que a literatura assume como instrumento de pesquisa. Nesse caso, o texto literário, dentre outras funções, pode assumir quase um lugar de memória, visto que o texto fictício apresenta certos aspectos que revolvem a memória, contribuindo assim para a ressignificação de papéis, um melhor entendimento cultural e também para reavaliar certas atividades e práticas sociais. Uma primeira versão deste texto foi apresentada como seção de capítulo da tese de doutorado em Estudos Étnicos e Africanos de um dos autores deste trabalho, defendida em 2016.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; História; Angola; Pepetela; Boaventura Cardoso.

### ABSTRACT

The aim of this work is to present reflections on the place of memory in the construction of the history of the struggle of the Angolan people against European colonialism, symbolically recorded in the narratives of the novels *Mayombe*, by Pepetela, and *Noites de Vigília*, by Boaventura Cardoso, considering the theoretical studies from the Cultural History and Literary Criticism. When the fictional text is taken as the basis for studies concerning memory, it is necessary to understand the various aspects that literature assumes as a research tool. In this case, the literary text, among other functions, can almost assume a place of memory, since the fictitious text presents certain aspects that revolve the memory, thus contributing to the re-signification of roles, a better cultural understanding and also to reevaluate certain activities and social practices. A first version of this text was presented as a section of chapter in the doctoral thesis on Ethnic and African Studies, by one of the authors of this work, defended in 2016.

KEYWORDS: Memory; History; Angola; Pepetela; Boaventura Cardoso.

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras e Linguística e professor da área de Ciências Humanas.

<sup>2</sup> Doutor em Estudos Étnicos e Africanos e professor da área de Letras.

---

## Primeiras palavras: o papel da memória na construção da história

A história da humanidade é registrada de diversas formas e pode ser compreendida e (re)interpretada de diferentes maneiras, levando-se em consideração os contextos que se apresentam em distintas épocas. Figuras, desenhos, imagens, textos são produzidos, cotidianamente, deixando marcas e delineando aspectos culturais de lugares e espaços modificados pelo próprio homem. Essas experiências vividas e experimentadas pelo homem constituem-se em elementos capazes de gerar inúmeras representações que podem ajudar na composição e na recomposição da esfera social e cultural do homem ao longo de sua formação histórica. Muitas dessas experiências ao longo dos anos vão se perdendo, fragmentando-se, e é por meio da memória que se pode restabelecer imagens e recuperar fatos, visto que ela deve ser vista não somente como ferramenta para guardar lembranças, mas, sobretudo, como capacidade de (re)significação de coisas e da própria consciência humana.

Assim, quando se propõe discutir aspectos relacionados à cultura africana não se pode dispensar discussões relevantes aos estudos sobre memória, até porque a história desse continente é marcada pela heterogeneidade cultural formada ao longo dos anos e sua constituição histórica guarda elementos importantes que revolvidos por processos memorialísticos podem ajudar na reinterpretação e ressignificação de fatos, criando novas imagens e linguagens capazes de (re)ensinar e (re)traçar os caminhos genuínos em direção aos costumes tradicionais como formas de resistência cultural, política e social.

Na cadeia dos estudos sobre memória, é relevante destacar as contribuições de Paul Ricoeur (2007) para que se possa reconhecer a importância desse fenômeno na constituição histórica de um povo. A análise de Ricoeur tem como ponto de partida as matizes do pensamento da filosofia antiga, tal como o de

Husserl, desdobrando posteriormente para a vertente contemporânea, na qual se evidencia o pensamento de Bergson. Segundo o filósofo francês, “não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou antes que declarássemos nos lembrar dela” (RICOEUR, 2007, p. 40). Numa perspectiva fenomenológica, Ricoeur destaca o nexos existente da memória com o passado, pondo em discussão o seu valor referencial. Ressalta-se ainda que os estudos decorrentes da abordagem fenomenológica da memória concentram sua discussão por um lado em conceitos de memória coletiva (HALBWACHS, 2006) de cunho mais sociológico e, por outro lado, enfatizando mais as questões epistemológicas levantadas por Pierre Nora (1984 e 1986).

Outro aspecto importante observado por Ricoeur (2007) que também deve ser pontuado neste trabalho é a relação da memória com a história. Essa discussão requer, outrossim, uma preocupação fenomenológica visto que tenta explicar que os fatos não estão centrados tão somente na perspectiva histórica, nem tampouco na dinâmica social, mas, sobretudo, nos próprios fatos. A partir dessa ótica, tem-se uma visão ontológica tanto dos fatos quanto da memória e da história. Os pontos apresentados sob a ótica de Ricoeur levam o leitor a perceber que a memória é um fenômeno inerente à natureza humana, e seu caráter, porém, toma dimensões dialéticas, visto que a memória, como registro do vivido, torna-se um fator extremamente relevante de preservação e de resgate de imagens ou de reconstrução da experiência humana.

Tratando-se de um estudo ficcional cuja investigação beira os campos da história e da ficção, ressalta-se a relação existente entre memória e imaginação, abordagem também feita por Ricoeur em sua obra intitulada *A memória, a história e o esquecimento* (2007). Reconhecendo a estreita relação entre memória e imaginação, o autor afirma que a memória não é significado de imaginação tão somente, é algo que pode fazer remeter ao passado por meio de determinados dados que estão arquivados na mente humana. Não obstante, ele tenta ainda distinguir o que pode ser imaginado daquilo que tenha ocorrido no passado e o



que pode vir à tona por meio de processos de rememoração, ou seja, por meio da memória, da retomada consciente de um fato ou acontecimento que alguém tenha tido a oportunidade de vivenciar.

Assim, pode-se tentar estabelecer um vínculo entre o plano das experiências vividas com o plano das imagens, atendo-se para as representações que são responsáveis pela criação dos diversos conceitos retomados do passado. Dessa forma, a memória não está ligada à imaginação enquanto fenômeno de fantasia, de ilusão, mas, sobretudo, ao fato de a memória recorrer sempre a processos de representação de coisas e de fatos anteriormente apresentados.

A partir dos pressupostos teóricos da História Cultural e da Crítica Literária, o objetivo deste trabalho é apresentar reflexões sobre o lugar da memória na construção da história da luta do povo angolano contra o colonialismo europeu, registrada simbolicamente nas narrativas dos romances *Mayombe*, de Pepetela, e *Noites de Vigília*, de Boaventura Cardoso, conforme passam-se a considerar nas duas próximas seções, a seguir. Uma primeira versão deste texto foi apresentada como seção de capítulo da tese de doutorado em Estudos Étnicos e Africanos, de um dos autores deste trabalho, defendida em 2016.

### ***Mayombe e Noites de Vigília: documentos de revisão da memória angolana***

Quando se toma o texto ficcional como base de estudos referente à memória, é preciso compreender as diversas vertentes que a literatura assume como instrumento de pesquisa. Nesse caso, o texto literário, dentre outras funções, pode assumir quase um lugar de memória, visto que o texto fictício apresenta certos aspectos que revolvem a memória, contribuindo assim para a ressignificação de papéis, um melhor entendimento cultural e também para reavaliar certas atividades e práticas sociais.

Em relação aos estudos sobre as literaturas africanas de língua portuguesa, a memória constitui-se em uma de suas principais características, pelo fato de fomentar as tradições e a cultura de povos com historicidade secular. E segundo Nelly Richard (apud, MATA, 2010, p. 239), “a memória é um processo aberto de reinterpretação do passado que desfaz e refaz seus módulos para que se ensaiem de novos acontecimentos e compreensões”.

Os romances *Mayombe*, de Pepetela, e *Noites de Vigília*, de Boaventura Cardoso, em discussão neste trabalho, assumem um papel extraliterário, adquirindo um caráter, às vezes, documental, visto que “mediada pelo compromisso com algo que, sem desconsiderar a dimensão estética dos textos, busca ultrapassá-la, empenhada em potencializar seu poder de intervenção” (CHAVES, 2005, p. 289). *Mayombe* e *Noites de Vigília* evocam vozes que trazem à tona importantes discursos sobre a constituição e a formação do povo angolano, transformando-se assim em “documentos” valiosos, tomados não apenas pela literatura, mas também pela história. Esses textos apresentam elementos que podem ser lidos e relidos tanto à luz da história quanto da literatura, numa espécie de leitura e interpretação de fatos do passado. Sobre essa ideia, Mata (2009) afirma que

assim, como a escrita da História não registra a realidade, mas interpreta-a, conferindo-lhe significância(s) a partir de mudanças na estrutura do edifício social, também a escrita literária, mesmo na representação factual, fixa na letra as imagens do passado, que mais não são do que interpretações do passado, versões do Mundo. (MATA, 2009, p. 150).

Os personagens das narrativas são criações imaginárias e saem da movediça área da fantasia e, compulsória ou voluntariamente, penetram em zonas que revelam diversos lugares, diversas línguas, exprimem vidas de povos em variados tempos, transformando assim a literatura num verdadeiro fenômeno cultural, numa força humanizadora capaz de romper os trâmites impostos pelo acaso da vida comum. Muitas vezes, os personagens passam de sujeitos

---

imaginários para atores quase humanizados, encenando, por meio de cores e gestos, passagens da vida real. Além disso, por meio de atitudes e comportamentos, lutam na preservação do passado, exploram fatos do presente e contribuem significativamente na invenção de um futuro, a fim de vislumbrar outras realidades. É nesse ínterim que a memória é sumariamente reconhecida como o principal fenômeno denexo entre o passado e o presente, sendo capaz de reconstruir discursos e aspectos culturais que tentaram apagar ou silenciar por muitos anos.

Apresentando temáticas muito similares, muito embora com abordagens distintas, as obras *Mayombe* e *Noites de Vigília* exibem, em grandes partes das narrativas, um regresso ao passado, mostrando como “a memória do passado é diversa” (MATA, 2010, p. 239) a fim de constituir-se em narrativas que tentam reescrever partes da história angolana. Se por um lado *Mayombe* tenta abordar o movimento que antecede a independência de Angola, tendo como foco principal as ações de guerrilhas, *Noites de Vigília* nasce como uma espécie de revisionismo desse movimento, proporcionando uma releitura de fatos e acontecimentos a partir de diferentes olhares e de discursos que não são tomados pelo princípio da contradição, apenas apresentam as duas faces de um período que marcou cultural e politicamente a sociedade angolana.

Ao analisar as narrativas, tenta-se capturar as manifestações sociais, históricas e culturais mantidas por tempos na memória do povo angolano. A literatura, por sua vez, realiza esse processo por meio de seus sujeitos imaginários, na sua dimensão cultural dotada de historicidade; e numa relação dialógica entre sujeito, tempo, espaço e história, os diversos discursos, as diversas vozes manifestam-se por meio da memória, procurando revelar a Angola dos passados ocultos, representados ou não pelos discursos colonialistas e anticolonialistas, a fim de que se possa reescrever no presente um novo tempo histórico. Discutindo a relação passado/presente na literatura angolana, Chaves (2005) afirma que ao se realizar um estudo panorâmico da literatura desse país, percebe-se a valorização

do passado como um dos tópicos do programa elaborado por escritores angolanos. Por isso, segundo a autora,

não é de estranhar, portanto, que a ideia de libertação que marca o processo literário angolano seja assim atravessada por esse desejo de resgate de um passado distante. Regressar no tempo seria também um modo de apostar numa identidade tecida na diferença. [...] Num universo tensionado pela ocorrência de tantas rupturas, o apego a certas marcas da tradição se ergue como um gesto de defesa da identidade possível. (CHAVES, 2005, p. 48).

Em linhas gerais, Chaves enfatiza que é preciso mergulhar em histórias de passados distantes capazes de contribuir na reestruturação do país e de sua nacionalidade, ou até mesmo naquelas que, inconscientemente, reportam-se às feições da reprodução colonialista, visto que “a literatura será também um meio de conhecer o país, de mergulhar num mundo de histórias não contadas, ou mal contadas, inclusive pela chamada literatura colonial” (CHAVES, 2005, p. 54).

Os escritores angolanos Pepetela e Boaventura Cardoso evidenciam, em *Mayombe* e *Noites de Vigília*, respectivamente, delimitações sociais, políticas e culturais na formação histórica de Angola, com o objetivo de contribuir para um novo olhar sobre a memória do povo angolano. Tal postura possibilita uma reavaliação da identidade nacional angolana e da história do país, na medida em que a literatura anticolonial projetava olhares sobre o passado, capaz de instigar no leitor reflexões a respeito do discurso historiográfico e da constituição histórica de Angola. O principal ponto de partida dos escritores é, sem dúvida, a história oficial que a partir da movimentação da narrativa é recontada sob novos pontos de vista. Esses novos posicionamentos tendem a não consultar o passado tal qual ocorre, pelo contrário, eles tencionam a proporcionar uma releitura desse passado, ressignificando os fatos históricos. Dessa forma, a literatura ultrapassa os limites da ficcionalidade e adquire também uma contextualização capaz de problematizar os acontecimentos históricos em suas múltiplas facetas que a narrativa pode revelar.

Dentre outros, os romances *Mayombe* e *Noites de Vigília* constituem-se em narrativas cuja ficção relaciona a história angolana com a memória de seu povo, num plano artístico em que os diversos discursos se cruzam no decorrer das narrativas. Por meio de diversas vozes do passado na memória em trânsito, percebe-se uma gama de vivências, reposicionadas na mixórdia em que o homem ligado ao tempo passado/presente transforma-se num elemento representativo capaz de perceber e denunciar a força colonialista. A exemplo disso, pode-se citar o personagem Saiundo, de *Noites de Vigília*, que, de forma memorável, retorna ao passado e reflete sobre o sistema político implantado em Angola pós-independência. Durante a narrativa, narrador e personagem se fundem, dando uma dimensão plural aos fatos narrados. Eis, portanto, o depoimento de Saiundo sobre o regime político instaurado em Angola:

Bom, depois daquele trágico acidente comecei a pensar muito na minha vida, a interrogar-me sobre se tinha mesmo valido a pena bater-me por uma causa que considerava justa, é claro, e cheguei à firma conclusão de que no fundo o que eu tinha como certeza absoluta era de que eu não me identificava com o regime que vocês tinham implantado em Luanda. Pelo o que eu ouvia dizer, era um regime que não tinha nada de democrático, absolutamente nada, antes pelo contrário, o regime era não uma ditadura democrática e revolucionária, mas uma ditadura de partido único que manda e desmandava no povo todo em geral, de Cabina ao Cunene. (CARDOSO, 2012, p.115).

A partir do depoimento de Saiundo, problematizam-se importantes questões reflexivas sobre a situação colonial e anticolonial em Angola. Muitos aspectos contornados pela memória, similares a esse depoimento do personagem, referentes a elementos culturais, políticos e sociais africanos representam uma crítica profunda a valores impostos pela colonização ou agem como um dispositivo mantenedor do discurso que dominou muitos povos secularmente.

Ainda procurando refletir sobre o passado histórico de Angola, percebe-se que Quinito, personagem principal de *Noites de Vigília*, também abre espaços para



refletir sobre os efeitos dos discursos colonialistas. Em muitas situações, ele é anunciador de vozes muito semelhantes com outros personagens presentes em *Mayombe*. Quinito, em diversos momentos da narrativa, adquire a característica de um personagem que vê a guerra como elemento crucial em lutas e conquistas, principalmente quando se trata de uma guerra em prol de uma constituição democrática para o país. Na posição de narrador, Quinito recorre à memória e relembra seu posicionamento em relação à dominação branca:

eu que estava habituado a matar brancos à facada e à tiro, a ver o sangue das minhas vítimas jorrar com pujança no momento em que se despediam da vida, eu meu caro Saiundo, me sentia me tremer todo, vacilava, sentia que aqueles cadáveres eram todos de pessoas da minha família, representavam um pouco de mim mesmo, as águas do meu rio, o meu sangue, a minha vida terminada em poucos segundos, ao mesmo tempo começava a sentir crescer em mim um sentimento de vingança por aquelas mortes, eu tinha de vingar aquela matança, já! (CARDOSO, 2012, p. 35).

O sentimento expresso por Quinito marca a constituição de uma identidade que beira à agressividade e à ideia de vingança. É uma forma de vingar-se do inimigo usando métodos muito similares àqueles usados pelos colonizadores, como se a derrota do outro contribuísse para a virada de página dos feitos históricos e culturais. Essa análise permite ainda observar que tal atitude de Quinito não dialoga comumente com as propostas dos discursos anticoloniais, visto que esses discursos advogam por concepções que tendem a elevar o homem pós-colonial a um estágio de consciência política e social e, acima de tudo, que não se apega na debilitação do outro como sustentáculo de sua promoção. Os discursos anticoloniais fomentam uma ideia calcada nos alicerces da renovação de valores, ressignificação do passado e na reintegração do homem angolano às suas raízes, a fim de que ele assuma o verdadeiro papel de protagonista de sua história.

Assim como tantos outros discursos, a literatura também é um meio que viabiliza a proliferação de ideias e sentimentos que ajudam a compor a personagem histórica de um povo, por isso “a relevância do compromisso com a

---

história do país constitui sempre uma característica expressa da literatura angolana” (CHAVES, 2005, p. 69). Nesse sentido, diversos autores angolanos tentam reescrever a história do país, convertendo o tempo passado em matéria artística e protagonizando seus variados sujeitos que compõem as narrativas. Dessa forma, as vozes surgem não totalmente superadas do passado colonial, mas com fortes tendências em revisioná-lo, até porque “o homem angolano, desde um remoto passado, teve que reconhecer no eixo de seu universo cultural as questões trazidas pelo colonialismo” (CHAVES, 2005, p. 69).

Sabe-se que estudiosos de diversas áreas empenharam-se em realizar pesquisas sobre a memória pelo fato de entendê-la como um mecanismo importante na reconstrução da história, nas práticas sociais e no entendimento da cultura. E para tal empreendimento, perceberam ainda que o tempo passado é o principal recurso usado pela memória para, a partir de então, entender melhor o presente e projetar o futuro. Nesse sentido, muitos literatos problematizam a representação de fatos históricos para demonstrar seus efeitos que se fazem presentes na memória de uma determinada nação.

Imbuídos desse pensamento, Pepetela e Boaventura Cardoso tentaram fazer isso em seus romances *Mayombe* e *Noites de Vigília*, respectivamente, retomando fatos históricos do povo angolano em tempos de guerra e de luta pela implantação da democracia, a fim de chamar a atenção aos leitores sobre a importância do nexo que há entre o passado e o presente para a formação da historicidade do povo angolano. As histórias de guerrilhas e lutas são recontadas por personagens e narradores utilizando certas estratégias exclusivas das narrativas literárias, muito embora também representem conhecimentos de mundo capazes de transformar realidades postas e sacralizadas secularmente. Sobre a possibilidade de a memória servir o presente e o futuro, Jacques Le Goff, (1994) destaca:

a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos

trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens. (LE GOFF, 1994, p. 47).

Baseando-se nas considerações de Le Goff (1994), afirma-se que tanto Pepetela quanto Boaventura Cardoso conseguem trazer à tona para o texto literário elementos importantes da constituição histórica de Angola, promovendo, assim, um constante diálogo entre literatura e história. Dessa forma, os romancistas conduzem os leitores a renomearem o passado, como também refletirem sobre ele e sobre as atuais condições da formação da política, da cultura e da sociedade angolana.

Assim, as diversas vozes do comandante Teoria, de Lutamos, de Sem Medo, personagens marcantes do romance *Mayombe*, e de Quinito, Saiundo, Dipanda, na narrativa *Noites de Vigília*, fazem reascender fragmentos de memória sobre a nova condição do povo angolano pós-independência. Ao tempo em que também conseguem recuperar o passado a partir de reminiscências e de digressões por meio da memória, transformando-os em símbolos e representações expressos ao longo das narrativas, com o objetivo de recolocar o homem angolano no campo literário como constructo de sua própria história. Ressalva-se, entretanto, que esses romances agenciados por fragmentos de memória movimentam certas experiências e vivências expressas por povos com histórias seculares, como forma de recriá-las e torná-las historicamente significantes diante de um presente formado por forças atávicas dos princípios colonizadores ainda não totalmente superadas.

O projeto de reconstrução histórica de Angola apresenta algumas incursões que eram compartilhadas por um grande número de angolanos, de diferentes etnias e de distintas classes sociais. Povos que ocupavam os mais variados territórios angolanos, formadores de uma cultura heterogênea, que guardam tradições seculares e perpetuam ensinamentos fundamentais sobre a história, a cultura e os valores sociais, que dividiam juntos os ideais de libertação de seu país, apresentando um forte desejo de instaurar um regime que hostilizasse as forças



---

esmagadoras do colonialismo. Esses povos, outrossim, faziam parte de um grupo de idealizadores que fomentava a criação de um discurso que além de revelar as contradições do colonialismo, fizesse desse sistema também um caminho cujos meandros servissem de base para constantes preocupações e reflexões quando se pensa na reconfiguração da história de Angola e nas relações estabelecidas entre colonizadores e colonizados.

Assim, o ideário que expressaria a valorização da cultura angolana e, numa extensão maior, a dos próprios africanos, era compartilhada por grande parte da população, atentando-se para as especificações. Essa forma de pensar, tendo como base o levante coletivo, ultrapassa o plano individual e engloba a outras relações que são construídas a partir de experiências estabelecidas de forma mútua entre os indivíduos, gerando assim um efeito de coletividade.

## ÚLTIMAS PALAVRAS: A MEMÓRIA DO INDIVÍDUO À COLETIVIDADE

Ao discutir ainda sobre memória, recorre-se à ideia de Halbwachs (2006), uma vez que a partir de seus estudos, pensa-se, então, em uma dimensão da memória que ultrapassa o viés individual, levando-se em consideração que a memória de um indivíduo não é apenas sua, ela é construída a partir de contextos sociais. Ainda segundo o autor, as memórias são construções dos grupos sociais e são eles que determinam o que é memorável e os lugares onde essa memória será preservada. Nesse sentido, há um esforço em compreender os diversos quadros sociais que compõem a memória, não prescindindo das lembranças carregadas individualmente, mas reconhecendo que suas construções são frutos de internas relações sociais, tão importantes e fundamentais para a construção de pensamentos coletivos. A respeito da construção da memória coletiva, Halbwachs (2006) considera que:

nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 2006, p. 26)

Percebe-se ainda que a memória individual não deixa de existir, ela faz parte de um fenômeno que leva em consideração diferentes contextos, com a presença de distintos participantes. Essa congruência permite que haja uma transposição da memória no âmbito individual para se converter em um conjunto de fatos compartilhados por vários indivíduos de um grupo, passando de uma memória particular para uma memória coletiva. Observa-se, portanto, que a construção da memória ocorre por processos estreitos entre o mundo individual e o mundo coletivo, visto que o indivíduo aciona suas memórias a partir de lembranças de grupos com os quais se identifica. E, segundo ainda Halbwachs (2006),

para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existiam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser construída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 2006, p. 39)

O autor francês ressalta também a importância do meio social no processo de construção de uma memória, pelo fato de que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, uma vez que as lembranças são construídas no interior de grupo, partilhando experiências e vivências.

Marina Maluf (1995) em sua obra intitulada *Ruídos da Memória*, comunga com as ideias de Halbwachs e afirma que

a memória individual não é descartada por Halbwachs. Apesar da possibilidade da lembrança estar determinada pela função social,

---

cada indivíduo se insere de uma forma particular nas múltiplas redes das quais faz parte e nas quais atua. Para o autor, a memória de uma pessoa está enlaçada à memória do grupo, que por sua vez está integrada à memória mais ampla da sociedade – a memória coletiva. (MALUF, 1995, p. 35).

Para Maluf, a memória pessoal compreende lembranças que são invocadas por certas referências de cunho social, sendo consensualizadas mediante relações que são estabelecidas dentro de diferentes grupos. Dessa forma, a constituição da memória coletiva dá-se por meio das relações que os indivíduos estabelecem com outros indivíduos, marcada por um tempo passado que se restaura no momento presente a partir de fragmentações da própria memória.

Retomando as reflexões de Halbwachs (2006), pode-se afirmar a presença de configurações de memória coletiva nos romances *Mayombe*, de Pepetela, e *Noites de Vigília*, de Boaventura Cardoso, principalmente pelo fato de que a longa trajetória desses autores foi matizada pelas questões referentes à busca da identidade nacional e ao princípio de libertação, fatos que refletem a resistência pelas cisões provocadas pelo regime opressor colonialista, vigorado por longo tempo.

Ao narrar situações em que a luta de libertação de Angola, no caso de Pepetela, e a luta pela consolidação da paz angolana, no caso de Boaventura Cardoso, bases centrais dos romances, compreende-se que esses autores demonstram um forte aspecto da memória coletiva do povo angolano: a busca incessantemente de sua autonomia política e cultural. Os personagens que desfilam ao longo das duas narrativas expressam sentimentos que em um dado momento, mesmo vivendo e compartilhando aspectos diversos, comungam pontos de vista relacionados à história política de Angola.

Assim, a memória coletiva é representada pelos variados discursos articulados por personagens que desejam selar a separação entre o mundo europeu e o mundo africano. Os romances em discussão tentam destacar memórias que foram vividas por um grande número de pessoas, uma espécie de

experiência coletiva. Em diversos momentos das narrativas, os personagens parecem sair do plano ficcional e incorporam o desejo dos angolanos frente à independência política. Essa ideia é ratificada nos trechos a seguir:

eu sofri o colonialismo na carne. O meu pai foi morto pelos tugas. Como posso suportar ver pessoas que não sofreram agora mandarem em nós, até parece que sabem do que precisamos? É contra essa injustiça que temos de lutar: que sejam os verdadeiros filhos do povo, os genuínos, a tomar as coisas em mãos. (PEPETELA, 1990, p. 54).

mas o importante é hoje aceitar e reconhecer que todos os chamados movimentos emancipalistas lutaram contra o colonialismo português, os quais que cada um á sua maneira [...] é certo, mas todos afinal lutaram pela independência, isso é que é o mais importante para a História do nosso país. (CARDOSO, 2012, p. 68).

Esses fragmentos evidenciam um aspecto da memória coletiva do povo angolano: aspirar a uma ruptura do sistema colonial e a concretização da autonomia política e cultural de um país que viveu as agruras da dependência política. As passagens citadas apresentam não apenas o ponto de vista de personagens como também de vozes que se estendem aos narradores e aos próprios autores. Não há configuração tão somente da representação da memória individual de narradores ou de personagens; mais que isso, há indícios de fragmentos da memória do povo angolano e, portanto, é um exemplo de manifestação de memória coletiva. Os demais atores sociais estão em muitas situações sendo representados por sujeitos imagísticos que, fazendo parte de um mesmo grupo, dividem recordações similares e em comum.

Isso demonstra que “a representação das coisas evocada pela memória individual não é mais que uma forma de tomarmos consciência da representação coletiva relacionada às mesmas coisas” (HALBWACHS, 2006, p. 61). Ainda se pode afirmar que os fragmentos de memória coletiva compartilhados por personagens no interior das narrativas têm a função de contribuir para o sentimento de

---

pertença a um grupo de pessoas com algumas características próximas que comunga lembranças sobre as quais afloram as memórias. As passagens a seguir reforçam a ideia de manifestações de memória coletiva nos romances em análise:

o que temos a fazer é a única coisa que devemos fazer. Tentar tornar o país independente, completamente independente, é a única via possível e humana. Para isso, têm de se criar estruturas socialistas, estou de acordo. Nacionalização das minas, reforma agrária, nacionalização dos bancos, do comércio exterior etc., etc. Sei disso, é a única solução. E ao fim de certo tempo, logo que não haja muitos erros nem muitos desvios de fundos, o nível de vida subirá, também não é preciso muito para que ele suba. É sem dúvida um progresso, até aí estamos de acordo, não vale a pena discutir.[...] (PEPETELA, 1990, p. 131).

[...] importante para mim era contribuir para acabar com a guerra que o inimigo fazia contra nós, e eu sentia muito quando o inimigo atacava e morria o povo inocente, me sentia no dever de defender essas populações, era, portanto, essa ideia do espaço único que eu tinha, depois, claro, estendido a várias regiões do país, às zonas afetadas pela guerra, era essa ideia central que fazia de mim um soldado sempre operativo, determinado, intrépido, destemido [...] gente de várias partes do país, gente através de quem fui conhecendo um pouco dos hábitos e costumes de vários povos – nossa cultura nos seus diversos sentidos -, e isso era um aspecto que bastava para provar que a nossa tropa era uma expressão do todo unido nacional. (CARDOSO, 2012, p. 130).

O contexto no qual estão inseridos os personagens favorece fortemente a instauração de aspectos referentes à memória coletiva, visto que quanto mais inseridos estiverem em um grupo e mais imbuídos pela mesma causa, os sujeitos imaginários e /ou reais apresentam mais condições de recuperar suas memórias, contribuindo para a restauração e ressignificação da memória coletiva, sempre numa relação de complementaridade.

As discussões apresentadas colaboram para que se possa perceber que os estudos relativos à memória, sejam no âmbito ficcional ou no plano real, ajudam a compreender os fatos tanto do presente quanto do passado. Em outras palavras,



esses estudos contribuem para que o passado seja revolvido como um moinho que mistura os produtos, dando-lhes novas formas e novas aparências. Assim, o tempo passado se presentifica, proporcionando construções ou reconstruções sociais, entendendo e significando formas e representações históricas, a fim de que tempos e espaços reconfigurados de valores e significados sociais possam ser entendidos, nem sempre em consonância com aqueles vividos e concebidos pela história oficial.

Portanto, percebe-se que há uma agregação de valores e de formas ao texto literário, que o transformam em elemento cultural, ampliando seu campo de significação. E, contornados por essas matizes, Pepetela e Boaventura Cardoso instigam um olhar crítico, não só para a literatura, para a memória coletiva e para a história, mas também para a realidade de todos os leitores que se debruçam sobre as páginas e as aventuras de *Mayombe* e *Noites de Vigília*.

## Referências bibliográficas

CARDOSO, Boaventura. *Noites de Vigília*. São Paulo: Terceira Margem, 2012.

CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*. São Paulo: Ateliê, 2005.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Vértice, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão [et]. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

MALUF, Marina. *Ruídos da memória*. São Paulo: Siciliana, 1995.



MATA, Inocência. *Ficção e história na literatura angolana: o caso de Pepetela*. Luanda: Mayamba, 2010.

MATA, Inocência. Pepetela: A releitura da história entre gestos de reconstrução. In: CHAVES, Rita & MACÊDO, Tania (Org.). *Portanto... Pepetela*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

NORA, Pierre. (dir.). *Les lieux de mémoire – I: La République*. Paris: Gallimard, 1984.

NORA, Pierre. (dir.). *Les lieux de mémoire – II: La Nation*. Paris: Gallimard, 1986.

PEPETELA, Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos. *Mayombe*. 7. ed. Publicações Dom Quixote. 1990.

RICOUER, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Trad. Alain François [et al.]. Campinas: Editora UNICAMP, 2007.

Recebido em 05/02/2019

Aceito em 22/07/2019